

6. Referências bibliográficas

BAITELLO, N. **A era da Iconofagia**: Ensaios de Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: Hacker, 2005.

BAUDRILLARD, J. **A troca Simbólica e a Morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

BERENICE, B. **A reinvenção do Corpo**: Sexualidade e Gênero na experiência transexual. Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENEDETTI, M. **Toda feita**: O corpo e o gênero das travestis. Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTILHO, K; GALVÃO, D. **A moda do corpo o corpo da moda**. São Paulo: Esfera, 2002.

_____. **A moda e linguagem**: Coleção Moda & Comunicação. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

_____. **Discursos da moda**: Semiótica, *design* e corpo: Coleção Moda & Comunicação. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

ESQUIROL, J. **O respeito ou o olhar atento**: uma ética para a era da ciência e da tecnologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade III**: O Cuidado de Si. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Martins Fontes, 2002.

_____. **Em defesa da sociedade**, curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1984.

FREUD, S. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. 1901-1905. Rio de Janeiro: IMAGO, 1996.

GARCIA, W. **A carne eletrônica e o objeto digital**: Impressões entre corpo e design. In: Design, Arte e Tecnologia – Universidade Anhembi Morumbi, 2006.

GLUSBERG, J. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2005. 206 p.

GOLDENBERG, M. **Nu & Vestido**: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Francisco Alves. 6ª edição, 1991.

KALMAN, G. E. **Design de Experiência e de Emoção**: Em Busca de Conhecimento Sobre o Ser Humano. In: Anais VII Congresso Internacional de Pesquisa em Design. UNICENP. Curitiba, PR, 2006.

KRISTEVA, J. **História da Linguagem**. Coleção Signos, Edições 70, 1969.

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE BRETON, D. **Antropologia del cuerpo y modernidad**, 1 ed., 1ª reimp – Buenos Ayres: Nueva Visión, 2002.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos**. O declínio do individualismo na sociedade de massas. Forense Universitária, Rio de Janeiro, Forense universitária, 1987.

MAUSS, M. “As Técnicas Corporais”. In: **Sociologia e Antropologia**, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MORAES, A. Design: arte, artesanato, ciência, tecnologia? O fetichismo da mercadoria versus o usuário/trabalhador. p. 156-190. In: **Formas do Design: por uma metodologia interdisciplinar**, 2AB, 1999.

MORAIS, M; PORTINARI, D. Moda aberta, cultura juvenil e movimento punk. **Estudos em Design**, v. 13, p. 74-87, 2005.

MOHALLEM, J. C. G. **PULSIONAL: Revista de psicanálise**. Artigos P. 54-60. Ano XVII, n. 180, Dezembro 2004.

PORTINARI, D. A Noção de imaginário e o campo do design. p. 77-103. In: **Formas do Design: por uma metodologia interdisciplinar**. 2AB, 1999.

_____. ; LOPES, C. A última fronteira: repensando o corpo na contemporaneidade. In: Castilho,K.;Galvão,D.. (Org.). **A Moda do Corpo, O Corpo da Moda**. 1 ed. São Paulo: Esfera, 2002.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação: Sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

VILLAÇA, N. e GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Dissertações de mestrado e Teses:

CALIMAN, L. V. **Dominando corpos, conduzindo ações: genealogias do biopoder em Foucault**. Dissertação de mestrado em saúde coletiva – área de concentração em Ciências Humanas e Saúde – do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2001.

FERREIRA, M. S. **A cidade como um texto: fragmentos da experiência homossexual masculina no Rio de Janeiro contemporâneo**. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, 2006.

NUNAN, A; **A Questão da Identidade Homossexual e sua Influência nos Padrões de Consumo**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, 2001.

WOLFGANG, S. **O mundo do tudo pode**: a produção e a reprodução de estereótipos nos sites de busca de parceiros voltados para homossexuais masculinos. Dissertação de Mestrado. Departamento de Artes e Design – PUC - Rio. Rio de Janeiro, 2008.

Anexos

Entrevista com Kayka Sabatella:

Entrevistador: Você tem algum receio de falar de sua vida particular?

Kayka Sabatella: Não...

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Kayka Sabatella: S.S.

Entrevistador: Qual sua idade?

Kayka Sabatella: 45 anos (risos)

Entrevistador: Quanto tempo de vida noturna, fazendo espetáculos?

Kayka Sabatella: Aqui em baixo eu já estou faz uns 25 anos.

Entrevistador: O que lhe motivou a seguir essa carreira, desde quando, quais suas referências para montar o seu espetáculo, quais suas inspirações?

Kayka Sabatella: Ah, eu me inspiro em bons artistas, em encenações da Broadway, gosto muito de Mireille Mathieu, essas coisas assim.



Fig. 1: O Performer S.S. caracterizado como Kayka Sabatella

Entrevistador: Produções mais glamourosas?

Kayka Sabatella: Ah, sim.

Entrevistador: Seu trabalho se caracteriza por uma temática mais transformista ou *Drag Queen*? Tem um caráter mais caricato ou transformista?

Kayka Sabatella: É uma caricatura. Eu sou artista, eu faço tudo, mas é uma caricatura. É transformista também, eu faço *Drag*, bato cabelo, faço a fina, faço a caricata, faço Audrey, faço qualquer coisa. Não existe uma regra nem um personagem só para o trabalho. Eu faço tudo.

Entrevistador: E sua relação com seu corpo? Você tem algum cuidado especial para fazer os seus shows? Já usou alguma espécie de hormônio, coisas do tipo?

Kayka Sabatella: Não, é tudo natural.

Entrevistador: Qual sua atividade profissional? Qual o seu meio de ganhar a vida?

Kayka Sabatella: É a noite. Não tenho nenhuma outra atividade profissional.

Entrevistador: Quais são as casas do Rio onde você se apresenta?

Kayka Sabatella: Todas as casas e saunas do Rio de Janeiro eu já me apresentei.

Entrevistador: E a sua opção sexual é de homossexual?

Kayka Sabatella: Sim.

Entrevistador: Mantém relacionamento estável com alguém?

Kayka Sabatella: Tenho sim, de 20 anos.

Entrevistador: É o *Gogo-Boy* com quem você divide palco?

Kayka Sabatella: Não, o meu namorado é Policial Militar.

Entrevistador: Qual a parte do seu espetáculo que requer mais dedicação de você? É a elaboração da indumentária, a própria idealização do personagem, é ensaiar a coreografia, escolher a música? Qual é a parte do espetáculo a que você mais se dedica? Qual a etapa mais importante?

Kayka Sabatella: A produção do personagem dá prazer quando a produção é nova. Aí você se anima mais. Em breve eu vou lançar no *Miss Brasil Gay* uma nova produção que é inspirado no Cirque du Soleil, que eu estou bastante animado. Eu faço tudo com muito amor e carinho, eu gosto muito do que faço, eu vivo disso, eu tenho que me dedicar ao máximo.

Entrevistador: É muito caro produzir uma apresentação?

Kayka Sabatella: É, as produções são caras, mas como eu trabalho razoavelmente bem, dá pra fazer e eu ganho muita coisa, um dia desses eu ganhei um caminhão de produções de amigos e colaboradores.

Entrevistador: Eu já entrevistei alguns transformistas e eles falaram que existe muito conflito entre os transformistas em dividir as produções dos espetáculos, alguns brigam ao tomar roupas, vestidos e maquiagens dos outros, etc. Isso já aconteceu com você?

Kayka Sabatella: Eu não divido nada porque já tenho muito tempo de show e as pessoas com que trabalho sempre tiveram suas próprias produções. Também não me importo de dividir e de emprestar minhas coisas.

Entrevistador: Qual a sua formação?

Kayka Sabatella: Primeiro grau incompleto

Entrevistador: Quería que você falasse mais do seu personagem... Quem é a Kayka Sabatella?

Kayka Sabatella: A Kayka Sabatella é uma pessoa normal, não existe uma elaboração muito complexa do personagem. A minha apresentação vai muito de encontro às expectativas e reações do público.

Entrevistador: Dessa forma ele não é um personagem muito idealizado, mas vivido e sentido...

Kayka Sabatella: Não, o personagem sou eu, só que caracterizado. Existem espetáculos mais elaborados do que esse apresentado hoje. Em breve eu irei apresentar um *cover* da Elza Soares com um bailarino, no outro espetáculo, como te disse, eu vou apresentar o Cirque du Soleil, aí já é outro personagem, é outra elaboração de gestual, entrada, fisionomia, música, etc.



Fig. 2,, 3 e 4: As diversas caracterizações de Kayka Sabatella

Entrevistador: Seu trabalho hoje pode ser entendido como uma performance *Drag*, você sempre foi *Drag Queen*? Já quis assumir outra caracterização, como Transformista ou mesmo Travesti?

Kayka Sabatella: A *Drag Queen* tem uma postura muito extravagante, caricata. O transformista, por si, se transforma em mulher. Eu faço a linha transformista,

eu me transformo em mulher, mas em nenhum momento eu quero ser mulher o tempo todo.

Entrevistador: Você acha que a repressão que o gay sofre na vida cotidiana se reflete em produções tão performáticas e espetacularizadas vistas pela cena noturna *gay*? A repressão que você sofre no cotidiano se reflete no palco? Seria uma válvula de escape ou você se comporta dessa maneira o tempo todo sem sofrer repressões?

Kayka Sabatella: Eu sou *gay* o tempo todo e não mudo nada, só que eu tenho comportamento, eu sei saber entrar, eu sei saber sair, na minha vida cotidiana eu converso com todo mundo, vou ao banco, e quando eu me visto no dia a dia eu faço uma miscelânea danada, eu me visto com roupas masculinas e uso uma bolsa de mulher, e aí? Eu quero usar essa bolsa, então eu me imponho respeito em usar determinada bolsa.

Entrevistador: Na produção de suas apresentações existe uma preocupação com “elegância” e feminilidade como transformista. É uma coisa muito descontraída. Você tem alguma passagem na sua vida na qual você se sentia muito reprimido com relação ao vestir, ao se comportar?

Kayka Sabatella: Sim, quando eu era mais novo e não fazia show eu ia pra boate vestido de mulher. Uma vez eu fui expulso do ônibus, já levei soco no nariz, já fui amarrado na linha do trem, essas coisas. Mas quando você começa a fazer um personagem, faz uma mídia, faz uma tevê, eu mesmo já fiz Jô Soares, já fiz Monique Evans, já fiz Adriane Galisteu, tenho muito tempo de estrada e isso me faz mais respeitado artisticamente.

Entrevistador: Aqueles que estão começando sofrem mais violência que aqueles que já têm mais tempo de noite?

Kayka Sabatella: Sem dúvida, mas o *gay* precisa saber onde ele vai, porque se ele frequenta um lugar que ele não conhece, o risco de violência é muito elevando, principalmente quando se trata de lugares periféricos.

Entrevistador: São 20 anos de noite carioca. O que mudou?

Kayka Sabatella: Olha, eu faço parte da velha guarda da noite *gay* carioca. Sou do tempo dos cabarés antigos, num tempo onde o *strass* e o *paetê* representavam *glamour*. Hoje a noite carioca é cheia de *Drag Queens*. Só que existem *drags* e *drags*. Por que tem *Drag* que usa uma produção maravilhosa e fica bonita e tem outra que coloca só calcinha e sutiã, bota uma capa e bate cabelo e acha que é maravilhosa. Então, de um tempo pra cá mudou muita coisa, o *glamour*, a celebração. Muita coisa se banalizou.



Fig. 5: Kayka Sabatella e Viviane Araújo

Entrevistador: Antigamente existia uma preparação ao *glamour*?

Kayka Sabatella: Ah, lógico. Hoje a cena se banalizou e as pessoas ainda esperam a caricatura. O espetáculo deu lugar à caricatura.

Entrevistador: Isso refletiria uma pobreza na vivência homossexual atualmente?

Kayka Sabatella: Lógico, quem não gosta de muito *glamour*? Quem não gosta de ver Michele Mathieu? De pessoas bem vestidas? Hoje a cena *gay* se resume a clubes noturnos, baladas e drogas.

Entrevistador: A demanda por caricatura refletiria alguma espécie de mazela social? Refletiria os valores do meio *gay*? Na tua condição de *performer* caricato, negro, obeso, a sua performance evoca quais significados nas pessoas?

Kayka Sabatella: Eu vim de origem muito simples, todos os clientes que entram aqui eu cumprimento cada um. Se eu conhecer ou não, eu vou cumprimentá-lo, coisa que não é comum na noite. Eu dou boa noite a todos os funcionários. Eu não sou adepto de estrelismos, as estrelas estão no céu. Eu estou prestando um serviço e não custa nada eu chegar, dar boa noite, falar com as pessoas, conversar e escutar. Sentir o público é essencial para produzir o show. Antes de subir no palco eu observo os presentes, escolho a música de acordo com eles e dessa maneira eu elaboro a apresentação.

Entrevistador: Você produz a narrativa do *show* de acordo com o público da apresentação?

Kayka Sabatella: Encaro a apresentação como um serviço, não é um trabalho autoral meu. Na noite ao mesmo tempo em que você faz uma família, há uma

série de desentendimentos e conflitos. Muitos não gostam de ver os outros bem e felizes. Esse lance de apresentação mexe com o ego da pessoa, mas eu prefiro me dar bem com todo mundo.

Entrevistador: Qual a razão de dividir palco com um *Gogo-Boy*? Ele equilibraria a sua performance caricata? Ele seria seu namorado?

Kayka Sabatella: Despertar erotismo. O *gogo-boy* representa o apelo erótico do *show*. Quando o *boy* tem talento, porque tem *boy* que faz *show* como quem tira a roupa para ir jogar bola, e tem *boy* que faz *strip-tease*, que passa uma sensualidade, esse *boy* pra mim tem valor. Eu conheço um *boy* chamado Jean Pierre que ele tem um trabalho excelente, ele só não tira a roupa, ele sabe ter charme, sabe sambar, sabe sapatear, então é um *boy* completo. Então, eu gosto de trabalhar com *boy*, é um elemento da performance que desperta erotismo.



Fig. 6, 7 e 8: Kayka e seus *Gogo-Boys*. Ela nunca sobe ao palco sem dividir sua apresentação com *boys*. Eles despertam o erotismo na apresentação.

Entrevistador: Você já namorou algum *boy*?

Kayka Sabatella: *Boy* eu nunca namorei. O meu atual namorado, que hoje eu chamo de marido, eu conheci numa boate, começamos a namorar faz 20 anos, e fomos morar juntos e estamos a 20 anos juntos. Ele é segurança.

Entrevistador: Você é muito criteriosa na seleção dos seus *boys*.

Kayka Sabatella: É, eu sou muito atenta aos rapazes que trago pro palco.

Entrevistador: Você nunca fez uso de hormônios?

Kayka Sabatella: Já, fiz sim uso de hormônios, já pus silicone, isso numa época em que eu era muito novo e queria ser travesti, época em que eu achava que homem ia pra cama com a gente porque a gente tem peito, e depois a gente descobre que não é nada disso.

Entrevistador: Você já quis ser travesti?

Kayka Sabatella: Eu já fui travesti! Isso pelos meus 18 e 20 anos. Existem uma porção de tabus com relação ao gay e sua relação com o homem... Quando se é jovem, se pensa que o homem vai pra cama com você porque você tem peito... Isso é uma tolice. Quando você cresce você descobre que não é nada disso. Os homens gostam de tudo! Gostam de ser passivos pros gays.

Entrevistador: Você já se envolveu com prostituição?

Kayka Sabatella: Já fiz prostituição sim. Fiz durante um mês e meio! Depois vi que aquilo não dava certo e caí fora. E depois fui correr atrás de trabalho. Depois fui ser vendedora de discos numa loja. No início, quando eu queria ser travesti, me apresentava mais como transformista.

Entrevistador: Como é a relação com os donos das casas?

Kayka Sabatella: Maravilhosa. Tenho relação ótima com os donos das casas. Não sou funcionário remunerado em carteira, mas me coloco como empregado das casas. Existe um respeito mútuo e recíproco.

Entrevistador: Como é estar megaproduzido como mulher e depois vestir uma bermuda de surfista, uma camisa gola-polo, ainda usando cílios postiços? É uma demarcação entre a Kayka e o Sérgio?

Kayka Sabatella: Bem, prefiro ser a Kayka o tempo todo... Só tenho receio em ser feminino em frente a meninos pequenos. As crianças não estão com idade para saber essas coisas, em frente delas assumo postura masculina. Eu prefiro não expor as crianças a essa ambigüidade, algumas mais velhas entendem como coisa de artista.

Entrevistador: Você gosta de Parada Gay, de Banda de Ipanema?

Kayka Sabatella: Não, não gosto, prefiro palco mesmo... A parada gay pode ter uma proposta legal, mas virou uma espécie de carnaval, perdeu o caráter político de reivindicação da união civil, da luta contra a Homofobia, da luta pela Dignidade. Hoje a parada perdeu o sentido, virou ambiente onde se faz sexo oral em público, se faz Quem ganha com a festa são os artistas famosos que fazem a cena, os donos dos trios e os patrocinadores, e os artistas da cena gay não ganham nada com isso. Se deslocam de longe, se desgastam e são desvalorizados. Somos muitos desvalorizados. Os patrocinadores pagam às celebridades famosas, e a nós, ficamos sempre no prejuízo.

Entrevistador: Voltando à temática do corpo... Você nos falou que o homem pouco se importa com a semelhança ao corpo feminino, muitas vezes até prefere ser sodomizado... Essa preocupação tão comum em se assemelhar ao corpo

feminino seria uma forma de sujeição ao machismo, ou uma ignorância em relação ao prazer masculino?

Kayka Sabatella: Existem transformistas que conseguem ser femininos o tempo todo, sem fazer uso de nenhum hormônio nem de outros artifícios... Mas acho que esse lance de sempre procurar se assemelhar a um ideal feminino reflete uma falta de conhecimento acerca do próprio corpo, de não ser tocado. Reflete, na verdade, uma grande ignorância.

Entrevistador: Seria uma forma de violência?

Kayka Sabatella: É. Uma forma de violência e sujeição.

Entrevistador: Você é a favor da cirurgia de transexuação?

Kayka Sabatella: Tem *gay* que é muito feminino e tem a genitália ambígua, nesses casos a cirurgia de transexuação é muito oportuna.

Entrevistador: Voltando aos *Gogo-Boys*, eles tem vidas duplas, como é a vida deles?

Kayka Sabatella: Sim, são *gays* não-assumidos, que na maioria das vezes tem companheiras, que muitas vezes precisam afirmar a sexualidade deles perante a sociedade. Alguns chegam a consolidar relacionamentos com pessoas do mesmo sexo, mas mantém esses assuntos em segredo diante dos demais.

Entrevistador: Qual a ocupação do seu companheiro?

Kayka Sabatella: Ele é segurança.

Entrevistador: Sempre foi *gay*?

Kayka Sabatella: Sim, mas já teve mulher. A família dele cobrava muito uma esposa.

Entrevistador: Me fala mais das suas referências para *shows*.

Kayka Sabatella: Adoro Alcione, Beth Carvalho, etc. Já as conheci pessoalmente e as acompanho em tudo.

Entrevistador: Onde você nasceu?

Kayka Sabatella: Nasci em Campo Grande, subúrbio do Rio.

Entrevistador: Como é expressar a homossexualidade no subúrbio? A periferia é mais machista?

Kayka Sabatella: Olha, em Campo Grande sou muito quieto e nunca expus nada pros meus vizinhos, a não ser para aqueles mais íntimos.

Entrevistador: A repressão incita o espetáculo?

Kayka Sabatella: O mundo mudou tanto, que a banalidade da homossexualidade na rua talvez tenha feito a cena *gay* menos importante e rica. Faz muito tempo que sofri alguma espécie de violência e ninguém faz mais nada não. O mundo mudou muito. A coisa mudou de tom também por causa da política das casas

noturnas, das condições financeiras. *Shows* de transformismo e *Drag Queen* sempre vai ter mais a coisa mudou muito. Agora a Lapa ressurgiu, hoje o lance é diferente. E a cabeça do *gay* jovem de hoje é diferente. Antigamente a cena da Lapa era aquela coisa da prostituição, aquela coisa meio escondida.

Entrevistador: Como era a cena *gay* de 20 anos atrás?

Kayka Sabatella: Ah..., os antigos cabarés tinham aquela badalação, *shows* lotados, era uma celebração. O público de hoje é muito diferente.

Entrevistador: E a cena *gay* de hoje?

Kayka Sabatella: Ah.. Os meninos só querem saber de balinha, de *Special Key*, e acabou-se. Antigamente tinha aqueles códigos, aquela homossexualidade reprimida e escondida e hoje só se vê prostituição. Aquela brincadeira do escondido também nem existe mais. Tudo perdeu a essência. Antigamente o *gay* para mexer com homem sentia medo, tinha que ter receio, fazer algum sinal. Hoje é: “Vai pagar quanto?”.

Entrevista Meime dos Brilhos:

Fig. 9: O performer L.T.B.C. caracterizado como Meime dos Brilhos

Entrevistador: Nasceu aqui no Rio?

Meime dos Brilhos: Sim

Entrevistador: Formação?

Meime dos Brilhos: Segundo Grau Completo

Entrevistador: Idade

Meime dos Brilhos: Mais de 50 anos

Entrevistador: E o nome artístico?

Meime dos Brilhos: Meime dos Brilhos. Esse nome foi tirado de um personagem de um filme antigo chamado Meime, que se tornou um musical, que passou muito tempo em cartaz na Broadway. O Brilho do meu nome está no meu figurino, Brilho é meu carimbo, minha marca.

Entrevistador: São quantos anos de noite carioca?

Meime dos Brilhos: São ao todo 36 anos de apresentadora só dessa casa. Essa casa é uma casa tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é considerado o cabaré mais antigo do Brasil. Esse cabaré existe há mais de 70 anos.



Fig. 10 e 11: À esquerda L. T. aos 28 anos prestando serviço militar obrigatório e à direita, Meime dos Brilhos, nos bastidores do cabaré, preparando-se para apresentação.

Entrevistador: Madame Satã fez parte da história do cabaré?

Meime dos Brilhos: Muita gente pensa que Madame Satã foi um travesti, mas não foi. Madame Satã foi um transformista marginal, ele não queria ser mulher.

Entrevistador: Você acha que tem um pouco dele?

Meime dos Brilhos: Temos coisas em comum sim, ele inclusive se assemelhava em certas características físicas comigo. Quando eu o conheci ele tinha o meu tipo físico, porém, tinha cabelos grisalhos.

Entrevistador: Você pegou a época da Lapa da prostituição? Era melhor?

Meime dos Brilhos: Peguei, e na época nunca tive problema com bandido, com prostituta, com travesti, todos me respeitavam dentro do meu trabalho, então, nunca tive problema com ninguém. A diferença da Lapa de 30 anos atrás para a de hoje, é que não existe tanto esse movimento, era mais marginal, periférico, com vários cabarés.

Entrevistador: Nesses 30 anos como *performer*, alguma vez você pensou em mudar de nome, ou sempre foi Meime?

Meime dos Brilhos: Nunca. Meu personagem surgiu num carnaval, brincando com os amigos eu comecei a me liberar.

Entrevistador: Você pegou a ditadura?

Meime dos Brilhos: Sim, eu peguei a época do domínio militar. Foi difícil essa época porque era muito rígido, eu cheguei a ser preso. Era coisa do tipo: um guarda chegava perto de você num local mais tolerante e dizia: “Olhe, vou dar uma volta e se você tiver aqui quando eu voltar, eu levo você preso”, e levava. Eles prendiam a gente porque não sabia quem era quem. Antigamente a polícia levava a gente preso porque não tinha uma prova de trabalho, uma carteira profissional, hoje em dia não existe mais isso. A gente era preso por vadiagem, ou “viadagem”!

Entrevistador: Qual sua profissão paralela, ou você se mantém do transformismo?

Meime dos Brilhos: Eu tenho minha profissão paralela sim, sou maquiador profissional, e trabalho exclusivamente com a Alcione há mais de 20 anos, produzo a Alcione em CDs, DVDs, e grandes shows.



Fig. 12 e 13: À esquerda, Meime à paisana, sem caracterização, e à direita, a Meime dos Brilhos com a sua musa inspiradora e companheira de trabalho, a cantora Alcione.

Entrevistador: Falando da sua apresentação como é que você elabora a sua caracterização? A Meime mudou muito de cara nesses 30 anos?

Meime dos Brilhos: O personagem sofre influência dos fatores mais diversos. Na verdade acho que nós nos consideramos atores, mas nós não somos atores de texto, somos atores de improviso. Então, o que é que muda nesse personagem, muda o cabelo, muda a maquiagem, muda o vestido, o sapato, então, o que eu usei a 20 anos atrás eu não uso hoje. Nada muda, você se atualiza. É como um ator, um ator há 20 anos atrás e um ator hoje é completamente diferente.



Fig. 14, 15 e 16: As diversas faces da Meime. Seu personagem permite-lhe deslocar por referências as mais diversas, dentre elas, Gal Costa.

Entrevistador: Falando da sua *performance* no palco, uma das coisas que ficam mais significantes em você é que a Meime, apesar de toda a feminilidade do seu nome, carrega um caráter masculino muito significativo. Como é que é isso? Você reconhece traços masculinos na Meime, ou você observa só traços femininos? Alguns transformistas procuram se feminilizar ao máximo enquanto transformistas, e você parece seguir outra proposta, como isso funciona?

Meime dos Brilhos: Eu não consigo misturar: A Meime é a Meime, e eu sou eu. Foi por isso que eu não optei por ser travesti, eu gosto do meu lado másculo, e de vez em quando eu preciso usá-lo. Se eu fosse Meime 24 horas eu acho que eu não ia gostar não, num sei como seria. Eu gosto do meu outro lado, do meu dia a dia, em vários sentidos.



Fig. 17 e 18: Meime em estado de produção.

Entrevistador: Qual o nome desse produto que você está passando na barba?

Meime dos Brilhos: *Paint stick*, é o que tampa e disfarça a barba dos “viados”.

Entrevistador: Você tem namorado?

Meime dos Brilhos: Tenho, está comigo faz 7 anos.

Entrevistador: Já namorou transformista?

Meime dos Brilhos: Nunca, Não gostaria de dividir meu batom com ninguém, muito menos meu salto alto. É uma coisa que não faz minha cabeça não. Tem amigos e amigas meus que gostam, mas não faz minha cabeça não.

Entrevistador: A Meime e a Alcione. Quais são as afinidades entre elas?

Meime dos Brilhos: Há uma troca constante entre mim e ela. Nós compartilhamos certos jeitos de falar, de se expressar. Estabelecemos uma troca entre nós. Isso é a convivência, quando você convive muito tempo com uma pessoa, você estabelece essas afinidades. Você assimila até as manias.

Entrevistador: A Alcione é uma eterna apaixonada, e você?

Meime dos Brilhos: Ela começa a amar desde que entra no estúdio pra gravar.

Entrevistado: Como foi tornar-se transformista na juventude?

Meime dos Brilhos: Ninguém se torna homossexual, homossexual se nasce. Só que tem momento na vida que você vai se conhecendo e vendo que é necessariamente isso que você gosta. Essa história de que virou *gay*, isso pra mim não. Nunca tive conflitos em casa, minha mãe foi uma figura maravilhosa. Nunca compartilhei coisas íntimas com ela, mas ela nunca definiu o que queria de mim. Minhas sobrinhas, quando pequenas, adoravam me acompanhar nas minhas apresentações, entendeu? Havia uma admiração, sempre tive espaço na minha família. Nunca tive problemas, nem com minhas sobrinhas nem com minhas irmãs, meus cunhados, sempre fui uma pessoa independente desde muito cedo. Sempre tive minha casa, minha independência, sempre batalhei, entendeu? Nunca dependi da família. Eu gosto muito da Meime, mas tem dias que eu gosto de incorporar mesmo a minha pessoa.



Fig. 19, 20 e 21: Enchimentos e cintas reconfiguram o corpo para a apresentação. A atividade de se caracterizar é um processo que sempre conta com a participação de terceiros. Boa parte dos traços masculinos do corpo do artista são atenuados com as próteses,; porém os ombros largos, os braços fortes e as costas largas ainda trazem à tona os significados masculinos do artista.

Meime dos Brilhos: Em certos momentos da minha vida eu tive complexo com esse meu porte masculino que interfere na apresentação da Meime, mas depois com esse lance de mulher marombeira, mulher musculosa, achei que não era tão estranho não, e resolvi assumir.

Entrevistado: Eu tenho muita curiosidade em ter um registro da Meime nesses 30 anos, como ela mudou. Você tem idéia de como você era?

Meime dos Brilhos: Aqui no mural você pode até encontrar.

Entrevistador: A Meime, diferente de suas colegas, não tem o perfil da caricatura. Qual é o perfil da Meime: *Drag*, *Caricata* ou *Glamourosa*?

Meime dos Brilhos: Eu sou a chique da história, não me afino com a caricatura. Transformista *stricto sensu*. Eu sou Mestre de Cerimônia, lidero a cena, é muito diferente da caricatura. Não consigo chegar perto da baixaria. Meu trabalho é um trabalho de lapidação, de transformar tubarão em sereia. Eu me gosto assim e não quero mudar.

Entrevistador: A Meime desperta muito tesão? A ambigüidade da caracterização do personagem e a forma física do ator despertam muito desejo pra quem observa ?



Fig. 22 e 23: A Masculinidade nos ombros e braços da Meime dos Brilhos, e o mural do seu camarim, onde guarda lembranças de mais de 30 anos de carreira.

Meime dos Brilhos: Muitos homens já se interessaram por mim em função dessa mistura entre masculino e feminino.

Entrevistador: Você já saiu do Brasil para se apresentar fora do país?

Meime dos Brilhos: Já, raríssimas vezes, já viajei muito pela América do Sul como turista, já fui muito à Itália, porém, a prostituição na Itália tem mais visibilidade que as apresentações artísticas de transformismo.

Entrevistador: Você apadrinhou muita gente nova na cena *gay* carioca?

Meime dos Brilhos: Olha, na minha trajetória como transformista apadrinhei poucas pessoas da cena, algumas deram certo enquanto *performers*, outras se encaminharam para o travestismo, mas eu posso te dizer que eu só apadrinhei gente boa. Tive sorte, um ímã para pessoas boas, mas nunca conseguiria apadrinhar muita gente não, não consigo. Todas as apadrinhadas ficaram na noite, algumas foram pra Europa, Alemanha, e me reconhecem.

Entrevistador: Quais figuras ainda servem de referência para a elaboração das suas apresentações?

Meime dos Brilhos: A Alcione ainda é minha figura de admiração, eu adoro *glamour*. Glamour pra mim é o lado chique da história. Adoro musicais e deles tiro referências para maquiagens, cabelos e roupas. Gosto muito de musicais porque oferecem muito repertório pra criação. Você pode copiar um penteado, um vestido, entendeu?



Fig. 24 e 25: As “Afilhadas” da Meime dos Brilhos. São elas Samara Castelli e suas assistentes.



Fig. 26, 27 e 28: Ainda tendo como referência de caracterização outra figura, o personagem em questão ainda é a Meime dos Brilhos. As apresentações da Meime parecem oscilar entre referências da Alcione e Gal Costa.

Entrevistador: A Meime é uma mulher romântica? Você tem idéia que transmite isso? Ser mulher há 30 anos atrás era uma coisa completamente diferente do que ser mulher hoje. E a Meime de 30 anos atrás, como era?

Meime dos Brilhos: A gente nunca tem tudo. Tem dias que estou mais pra Gal Costa, do que para Meime dos Brilhos. Mas mesmo assim, continuo sendo a Meime.

Entrevistador: Mudar a caracterização dos personagens te dá uma nova identidade? O que motiva a mudança? Mudar a caracterização muda a sua interioridade, do personagem?

Meime dos Brilhos: A caracterização é o apelo. É mais um motivo para entrar no palco. Você tem que ir se transformando. A pessoa muda. Isso anima a apresentação.

Entrevistador: Como você era?

Meime: Eu era mais magro e mais feminino, mas me gosto mais hoje.



Fig. 29: A dona dos bastidores em sua cadeira cativa. Ela se expressa melhor sobre seu sua personagem quando caracterizada.

Entrevistador: Já sofreu violência física por ser homossexual?

Meime dos Brilhos: Já sim, mas foi coisa muito rara. Preconceito existe por ser gay, gordo, preto, nordestino.

Entrevistador: Colegas seus são muito constantemente vítimas de agressão, principalmente as caricatas e os travestis. Como você encara isso?

Meime dos Brilhos: Às vezes eu acho que algumas figuras confundem uma caracterização caricata com uma feminilização muito agressiva e quase grotesca. Isso acontece com muitas figuras do meio. Isso acaba tendo um efeito reverso para as pessoas que se sentem ofendidas, a violência é uma delas. Algumas se auto-denominam caricatas, mas a forma como tratam o próprio corpo já o fez chegar à condição de travestismo. A caricata não tem o propósito de ser feminina, ela tem a intenção de ser engraçada. Algumas figuras desse meio não conseguem ser engraçadas e extrapolam.

Entrevistador: Esse exagero está em exarcerbar a caricatura da história. Você faria um personagem caricato?

Meime dos Brilhos: Como ator faria sim, como artista e *performer* não me realizaria. Nunca seria caricata, a caricata deve estar sempre caricata.

Entrevistador: Por que a sociedade patriarcal e burguesa mitifica tanto o transformismo? Para aqueles que participam da cena *gay*, me parece algo rotineiro.

Meime dos Brilhos: É o estigma do viado! Mas o que eu gosto mesmo é de estar de mulher no palco e me sentir mulher.

Entrevistador: Você é exibicionista? Seu trabalho tem o sentido de exposição, de exibicionismo? É um reflexo da divisão entre o público e o privado? Você já se expôs em uma situação onde poderia sofrer penalidade? A Meime é um personagem público? Como se comporta a Meime dos Brilhos na vida privada?

Meime dos Brilhos: Nunca andei numa rua movimentada vestida de Meime, não. Mas eu procuro sempre obedecer os espaços de tolerância. Nunca senti necessidade desse exibicionismo doentio não, de quem está buscando agressão. Lugares públicos que frequento de Meime são os eventos GLS.

Entrevistador: O Luís Tadeu tem o cabelo comprido,; isso tem a intenção de trazer uma feminilidade ao Tadeu?

Meime dos Brilhos: Eu adoro meu rabo de cavalo, eu me sinto bem. Não encaro como feminilidade não. Me sinto um índio. Já usei meu cabelo nas *performances*, exploro ele também.

Entrevistador: A Meime já seduziu alguém? Já levou alguém pra cama?

Meime dos Brilhos: Já sim, mas na cama eu sou Homem, com H maiúsculo.

Entrevistador: Como era sua mãe?

Meime dos Brilhos: Foi uma mulher maravilhosa.

Entrevistador: Você teve uma presença feminina muito dominadora na sua infância?

Meime dos Brilhos: As minhas irmãs mais velhas foram muito significantes pra mim. Eu tenho 3 irmãs e um irmão, assim como com minhas sobrinhas.

Entrevistador: Você tinha atividades femininas com suas irmãs?

Meime dos Brilhos: Não, tive uma infância bem masculina. Quando eu era criança eu jogava bola, empinava pipa, tudo o que moleque fazia eu fazia.

Entrevistador: Quando você despertou para a homossexualidade?

Meime dos Brilhos: Me descobri na juventude.

Entrevistador: Com que você trabalhava nessa época?

Meime dos Brilhos: Trabalhava em escritórios de publicidade, em algumas grandes agências publicidade aqui do Rio de Janeiro. Era um trabalho que envolvia tratamento de imagens, e eu gostava disso. Eu trabalhava no departamento de arte final.

Entrevistador: A figura feminina estava em torno desse trabalho?

Meime dos Brilhos: Era o elemento central.

Entrevistador: Esse trabalho estético fez você se despertar para isso?

Meime dos Brilhos: Fez, sim., além disso haviam colegas *gays* no trabalho.

Entrevistador: Havia um cenário no Rio de Janeiro que propiciasse o transformismo?

Meime dos Brilhos: A repressão incitou muito a cena *gay*, havia perseguições a policiais na época da ditadura e tudo. Além disso, existia na época um clima que também favorecia, com a liberação sexual, a Leila Diniz, e tudo mais. As famílias também se reconfiguraram. Era um tempo de muita mudança. O Rio sempre criou essas coisas e ditou moda. A Leila Diniz despertou esse furor todo, por ser muito vanguarda, por ser muito espontânea. Ela era bombástica. Ela ia pro Píer de Ipanema de biquíni, desfilou de peito de fora na Rio Branco, isso tudo despertou uma liberação geral da sexualidade. A homossexualidade começou a ser mais tolerada nessa época.

Meime dos Brilhos: Até mesmo o travestismo daquela época não é o travestismo de hoje, com tantos recursos e próteses. O *gay* carioca sempre foi mais desinibido do que o de qualquer outro lugar, como o paulista. Sempre teve uma relação com o corpo bem peculiar. Existiam na época muitas instâncias repressoras, como militares, polícia, e isso incitava muito a criação de um movimento *gay*. Vemos na cena uma Rogéria, com 40 anos de noite, depois Roberta Close, como uma das primeiras transexuais e também com muita história pra contar. Todas essas figuras representam bem essa cena carioca, os cariocas sempre levantaram a bandeira.

Entrevistador: Existe o discurso de que antigamente ser *gay* era muito difícil, você traz o discurso de que já não era tão difícil assim.

Meime dos Brilhos: *Gay* sempre existiu, porém naquele tempo era uma coisa mais restrita. A polícia, naquele tempo, perseguia os *gays*, ser homossexual era uma coisa muito marginal. Os delegados de polícia já viam logo, homens com calça muito apertada, na época do *Saint Tropez*, eram presos. Botava o limão, se o limão não passasse, ia preso. Mesmo os travestis fazendo teatro, eles sofriam repressões que afetavam até a vida profissional. Hoje a coisa mudou

muito. Hoje os travestis vão à feira montados, vão à praia de biquíni, a coisa mudou muito. Hoje existe mais tolerância.

Entrevistador: E seu pai?

Meime dos Brilhos: Tínhamos uma relação muito fechada, ele não participava muito da nossa vida. Ele era uma pessoa muito à parte dessa história. Minha mãe sempre foi a dona da história.

Entrevistador: O que é mais interessante da história é ver que a Meime é muito dominadora....

Meime dos Brilhos: E não vai mudar não, isso vai continuar....

Entrevistador: Modificação definitiva no corpo você já fez alguma?

Meime dos Brilhos: Não, nenhuma.

Entrevistador: São 30 anos de estrada. O passar do tempo te assusta?

Meime dos Brilhos: Eu me gosto mais hoje do que há 20 anos.

Entrevistador: E a Meime no carnaval?

Meime dos Brilhos: Saio na Beija-Flor de Nilópolis e na Unidos da Tijuca. E saio de Meime mesmo, no personagem. Mas ele muda um pouco. Na Unidos da Tijuca já saí de Monalisa. É sempre um personagem feminino. Na avenida é a Meime mesmo!

Entrevistador: O objeto de desejo da personagem e é o mesmo do artista?

Meime dos Brilhos: Metade-Metade

Entrevistador: A Meime tem muito do seu criador, que é uma figura muito forte. De onde vem essa força toda?

Meime dos Brilhos: Olha... Observando pelo lado místico da história, eu sou filho de Oxossi no Candomblé. Eu sou Dominadora, sou caçadora, sou o Oxóssi da história. O Mito da Fatura, da Caça, da Mata! Eu sou de Touro, sou Taurino. Sou dominador, tenho o signo da Vaidade, da Fatura. A Meime é só dominadora.

Entrevistador: Sendo a Meime o espaço que você estabeleceu para expressar sua Feminilidade, como é que você lida com a tarefa de ser ativo com os homens na cama?

Meime dos Brilhos: A Meime é muito dominadora. Ela deixa transparecer isso quando se apresenta. O homem quando sai com um Travesti ou com um Transformista ele não procura uma mulher, porque isso ele tem na casa dele. Ele quer é um Homem!

Entrevistador: O homem é evocado pelos seus parceiros?

Meime dos Brilhos: É sim..

Entrevistador: Você coleciona muita produção?

Meime dos Brilhos: Coleciono sim. Tenho muito arranjo de cabeça, vestidos e sapatos. A Meime gosta mesmo é de brilhos.

Entrevista com Suzy Brasil:



Fig. 30 e 31: À esquerda o *performer* M.S.C., e à direita, Suzy Brasil como Angélica, vide marca na perna.

Entrevistador: Idade?

Suzy Brasil: 31 anos

Entrevistador: Quanto tempo de noite?

Suzy Brasil: 14 anos, comecei quando era de menor, aos 17 anos.

Entrevistador: Em todo esse período, sempre foi a Suzy Brasil?

Suzy Brasil: Sempre fui, a Suzy começou como uma brincadeira na casa de amigos, a gente se montava, se maquiava, mas pra fazer graça pros amigos. A partir dessas brincadeiras nós começamos a fazer alguns outros trabalhos.



Fig. 32 e 33: Fora do palco, o *performer* sustenta aparência masculina, forma pela qual gosta de se exibir na vida pública, como tatuagens com temáticas tribais nos braços.

Entrevistador: Seu trabalho tem uma peculiaridade. Você é muito bonito, mas se enfeia na sua caracterização; outros artistas têm uma caracterização mais feminina e contemplativa, se aproximam muito de uma aparência feminina Me explica como isso funciona.

Suzy Brasil: Minha maquiagem tem a função de destruir, né? Ela tem a função de destruir, e não de melhorar. Nós fazíamos shows na casa desse amigo, e nessa brincadeira, tudo foi ficando sério e tendo visibilidade no mundo *gay*. O nome desse amigo era Hannah Suzatti, que já faleceu, e começamos a fazer umas apresentações bem mambembes e amadoras lá na praia de Copacabana. O *show* que eu faço no quiosque é semelhante ao que eu faço na praia. A intenção do *show* era trazer o público desses barzinhos para a tarde *gay* no calçadão de Copacabana. Foi aí que a Rose Bombom me viu e me convidou para fazer um teste com ela, e ela era a rainha da boate nas madrugadas, e ela tinha dois *shows* com caricatas de quinta a domingo, e aí então ela me chamou para participar desse *show*, pra fazer um teste, e aí eu fui ficando. Mas de início a Suzy não tinha essa cara feia aqui (*aponta pra foto*), isso veio surgindo por causa do *show* de domingo que nós fazíamos, que a Rose Bombom fazia as chacretes, eram caracterizações mais bonitinhas, mais graciosas, os olhos mais femininos, sem as pintas, e com o passar do tempo chegamos à conclusão de que quanto mais feia a chacrete fosse, mais engraçado ficava. Com o passar do

tempo ficou tão marcante aquela cara, as pintas e o dente preto, isso ficou tão significativo, que sem isso o público sentia falta. Isso foi marcando a cara da Suzy. As pintas, as cores, o sorriso e o cabelo justamente para dar uma significação mais engraçada.



Fig. 34 e 35: O processo de caracterização: Com formação em teatro, o ator tem atenção redobrada com a expressividade do seu rosto. O processo de maquiagem dura cerca de uma hora, e a sobrancelha é o elemento mais trabalhoso do rosto a ser escondido.

Entrevistador: Profissionalmente você é:

Suzy Brasil: Professor de biologia de ensino fundamental e ensino médio. Trabalho numa escola particular, sou funcionário da rede municipal de ensino e à noite faço *shows*.

Entrevistador: Ganha com a noite?

Suzy Brasil: Mais do que com colégio.

Entrevistador: Quem faz mais sucesso, transformistas ou caricatas?

Suzy Brasil: Pra gente que faz a linha caricata, que é engraçada, porque não sei se você já percebeu isso: existem aqueles artistas que tentam se aproximar ao máximo de uma caracterização feminina, e as caricatas tentam brincar com essa elaboração, fazer justamente o oposto. Mas na cena noturna, as caricatas têm o papel de animar a noite, de agitar a cena, são meio que mestres de cerimônia da história. Isso faz com que elas ganhem mais.



Fig. 36 e 37: Transformismo *versus* Caricatura: Uma *performance* valoriza a expressividade feminina, e a outra valoriza o deboche.

Suzy Brasil: É claro que hoje, se você for observar o trabalho do Rogério, existe um trabalho, uma produção bonita, um cenário, necessariamente nos nossos *shows* tem um figurino pra uma determinada música, tem um cenário, só que não existe tanto gasto quanto aqueles que vão fazer o transformismo propriamente dito. A *performance* caricata implica num gasto maior do que uma apresentação mais feminina. Com o passar do tempo, a gente vai ficando mais conhecida e vai se consagrando e vai podendo cobrar mais caro das casas de *shows*. Hoje eu sou diretor artístico em uma casa noturna. Hoje eu ganho como professor e ganho como diretor artístico da casa.

Entrevistador: Como o personagem Suzy Brasil foi sendo talhado na sua subjetividade? Pelo que você está me mostrando, é uma personagem de caracterização tão engraçada... Como isso se desenha? Como a feiúra foi sendo trabalhada na sua subjetividade? Você tem outro canal pra expressar a sua feminilidade? A Suzy é o único canal de expressão do seu feminino?

Suzy Brasil: Eu acho que você tocou num ponto fundamental na sua pergunta. A Suzy é antes de tudo um personagem. É uma elaboração de uma identidade á parte da minha pessoa. A minha formação é de teatro. A minha primeira opção de vestibular foi de artes cênicas na UNI-RIO, cursei três períodos, depois abandonei porque já estava me encaixando na cena *gay*, até porque eu não tinha maturidade pra pensar certas coisas, eu já trabalhei com teatro infantil, já

fiz teatro adulto, esse trabalho que faço é antes de tudo a elaboração de um personagem.

Entrevistador: Você já fez algum personagem masculino? Você tem outro personagem?

Suzy Brasil: Na noite *gay* não.

Entrevistador: Você não tem mais nenhum canal onde possa expressar sua feminilidade de um modo não caricato?

Suzy Brasil: Acontece o seguinte: Os trabalhos de transformismo mais femininos não têm o trabalho de elaboração de um personagem de uma forma mais complexa, mais trabalhada. Essas figuras têm o desejo de serem femininos e optam por uma caracterização feminilizada. E essas *performances* têm uma vocação muito mais do prazer e de realização pessoal propriamente dita do que um trabalho performático e artístico. Eu não tenho a menor vontade de ser mulher e de chegar perto disso. Eu gosto é de realizar uma *performance* teatral. Gosto mesmo é de construir em cena um contraste muito grande. E a ideia é construir alguma coisa que atinja o público sem agressividade. O papel que exerço é de Mestre de Cerimônia. O *show* tem que ter uma mensagem, tem que ser engraçado, as pessoas devem vivenciar na boate uma experiência positiva. Tento levar alguma reflexão ao palco, mas não tento realizar protestos políticos, muito menos campanhas.

Entrevistador: O público é de extrema importância para sua *performance*, você precisa sempre observá-lo, quais são as “saídas justas” por que você já passou?

Suzy Brasil: Na boate *gay* não existe essa quarta parede do teatro, não existe essa barreira. Isso interfere muito na apresentação, faz do público o centro da história. Mas muitas vezes me deparo com pessoas bêbadas no público, figuras drogadas, outros gostam muito do personagem, outros se afinizam demais, isso às vezes atrapalha esse pingue-pongue entre as pessoas do público e o *performer*. A pessoa precisa estar atenta à essa dinâmica e essa troca. Mas não existe uma preparação de texto antes de entrar no palco não, é uma apresentação de improviso, precisa de sensibilidade. Por exemplo, hoje, com as eleições, os candidatos podem ser temas de repercussão pro público. O público reage instantaneamente aos temas, isso nos obriga a improvisar o tempo todo.

Entrevistador: Como foi começar na *performance* ainda menor de idade?

Suzy Brasil: Sempre fui muito precoce.



Fig. 38 e 39: Esmalte e sabão para selar as sobrancelhas, preparando a posterior aplicação de pó compacto.

Entrevistador: E a sua família?

Suzy Brasil: Minha família é composta por pai, mãe e irmã, morávamos no bairro da Penha, passei muito tempo ao lado da minha Vó, que era minha vizinha, ela já tinha perdido o meu avô, passávamos muito tempo juntos.

Entrevistador: E a precocidade?

Suzy Brasil: Sempre gostei de teatro, comecei a sair muito cedo com eles, sempre gostei com sair com amigos mais velhos, daí a necessidade de estar me expressando como eles. As pessoas pensam que eu sou mais velho do que sou, até porque a maquiagem envelhece um pouco.

Entrevistador: Quais são suas práticas estéticas e cosméticas para preparação da personagem?

Suzy Brasil: Olha...Tenho costume de me depilar por uma questão de higiene. Depilo o tórax, as penas, os braços pra me ajudar em cena. Como nós suamos muito em cena, isso dá um certo aspecto de sujeira, por uma questão de facilidade mesmo, porque pra tapar todos esses pelos às vezes tenho que usar 3 a 4 meias. E o personagem em si é muito inquieto, se joga no chão, rola, e as meias rasgam com uma facilidade muito grande. A opção de depilar a perna também economiza, pois quem trabalha direto com isso gasta muita grana. Coisas mais agressivas, como fazer a sobrancelha, eu não faço não.



Fig. 40 e 41: Os elementos cênicos de maior visibilidade: sobrancelhas, olhar e boca. Rímel, delineadores e sombras são as ferramentas para o jogo de luz e sombra que dão expressividade ao rosto. A elevação da sobrancelha é um recurso que atribui nova fisionomia às feições do rosto.

Entrevistador: Nos demais entrevistados, eu percebi que alguns tinham em mente referências estéticas e identitárias muito bem elaboradas para construção dos seus personagens, você vê isso na elaboração do seu personagem?

Suzy Brasil: Eu já tenho o exercício de trabalho de ator faz anos. O trabalho de ator é muito fundamentado na questão da observação e da imitação. Eu tenho meus ídolos da comédia, sou apaixonado por Drica Moraes, sempre gostei muito do trabalho da Regina Casé. E quando comecei na noite eu também tinha as performers que eu gostava de assistir, que era a Rose Bombom, Hannah Suzatti, são pessoas que foram e são meus colegas de profissão. O que acontece? Eu gosto muito, mas eu não me inspirei nelas. A maior inspiração do meu trabalho são os *gays*. Muitos transformistas falam que é muito mais conveniente fazer show pra hétero, porque o grau de exigência deles é menor, por que eles não estão acostumados a ver *shows*, pra mim isso não acontece. Prefiro fazer *shows* para *gays*, é mais desafiador. A montagem do personagem, o perfil do personagem ele é todo voltado pro público *gay*, pro perfil *gay*. O público hétero é repetitivo e cansa, não é fácil não.

Entrevistador: E a descoberta da homossexualidade na vida particular? Como foi esse processo?

Suzy Brasil: Tive minhas namoradas, mas sempre tive relações homossexuais desde a infância. Reconheci-me como *gay* entre os 14 e os 15 anos.



Fig. 42 e 43: Sombreamento com cores cítricas, seria uma referência ao *New Wave* dos anos 80? Contornos da boca e das bochechas revelam na personagem uma referência direta a um palhaço.



Fig. 44 e 45: Bochechas aparecem como elemento cênico de maior importância. O performer, em sua elaboração, assume a alusão direta à caracterização de palhaço.

Entrevistador: A dicotomia personagem x autor implica uma separação entre o público e o privado? A Suzy vai pro sofá da tua casa? Conversa com sua mãe? E na escola? Como a Suzy se expressa?

Suzy Brasil: É preciso ter um jogo de cintura, é preciso saber o limite. Olha, a questão da vida privada nos dias de hoje é uma questão muito delicada. Com a Internet e com as câmeras espalhadas pelos *shoppings*, pelas ruas, nos celulares, tudo fica muito passível de um olhar pouco respeitoso. A vida é exposta em Orkuts, Fotologs, e coisas do tipo. O limite entre público e privado nunca foi tão tênue, e isso é assustador. Olha só: antigamente era proibido entrar na boate com filmadora, com máquina de fotografar, pra preservar a privacidade de quem está na boate. Hoje, essas coisas são tão minúsculas que se perde o controle.



Fig. 46 e 47: A preparação da tão expressiva boca de palhaço, e o olhar jocoso do artista.

Entrevistador: E a Suzy na escola?

Suzy Brasil: Quando eu comecei a dar aula há 5 anos atrás, alguns alunos não sabiam que eu era *gay*, tinha abordagem de aluna, com o passar do tempo um acaba descobrindo, o outro descobre o personagem e o negócio começa a ficar meio na boca do povo, alguns começam a procurar na internet e passam as informações pra outros alunos, e por aí vai. Os alunos cada dia mais sabem das coisas, poucos alunos, tirando os *gays*, manifestam muito choque em tomar conhecimento disso. Hoje eu trabalho em colégios maravilhosos onde eu não sofro muito preconceito. Eles adoram meu trabalho. Os alunos ao descobrirem passaram a dar muito mais apoio e a apreciarem muito mais as aulas.

Entrevistador: A caricatura está mais na periferia que na Zona Sul? Como é fazer caricatura na periferia?

Suzy Brasil: Como a gente não trabalha com texto, mas com improviso, a gente tem que ter o trabalho de observar o ambiente para visar àquele público que está ali. Então, as piadas contadas em Jacarepaguá não são as mesmas que em Copacabana. As *performers* caricatas mais famosas aqui do Rio são Suzy Brasil, Rose Bombom e Lola Batalhão. As caricatas dominam a cena *gay*.



Fig. 48 e 49: Figuras que dominam a cena *gay* carioca: Rose Bombom, Suzy Brasil e Lola Batalhão. Atuando com diferentes caracterizações, todas têm em comum a caricatura.. Fonte: Orkuts: PonchoP3 e Lola Batalhão 2.

Entrevistador: Algumas leituras sociológicas apresentam a *performance* do transformismo e da caricatura como expressões das classes menos favorecidas dos homossexuais. Seu exemplo parece desmontar essa tese. Como você encara isso?

Suzy Brasil: A hipocrisia dos públicos mais favorecidos é um aspecto a ser levado em consideração... Eu trabalho em tudo quanto é canto do Rio, viajo, faço *shows* para um público muito heterogêneo. A Suzy Brasil é uma das atrações das casas noturnas. Quando eu saio, as pessoas vêm me cumprimentar. Antigamente o transformismo era muito associado ao travesti, à prostituição. Eu não faço apresentação pra público heterossexual porque não é um público que dê retorno. Voltando à sua hipótese, eu acredito que quem tem um poder aquisitivo maior tem outras opções de diversão além das apresentações de transformismo. O público menos favorecido tem como lazer uma vida muito restrita a uma boate, isso é a realidade. O público menos favorecido aprecia a apresentação porque a apresentação tem muito da realidade deles. Eu, particularmente, não concordo com essa hipótese de que o transformismo está mais presente nas classes menos favorecidas. Na Zona Sul tenho muitos admiradores e faço muito *shows*. Quando faço *shows* na praia de Copacabana, as pessoas param, me cumprimentam, batem palma e isso é muito bom. Mas uma coisa você tem razão, as pessoas do subúrbio idolatram mais. Eu cansei de me apresentar na noite, mas vejo um distanciamento muito grande pelo fato de estarem na Zona Sul. Mas no subúrbio, eles estão dando nas cadeiras. Eu acho que existe uma hipocrisia muito grande. Essa ideia de que o

transformismo e a caricatura não atingem as classes mais favorecidas é curiosa quando eu sou convidado a fazer aniversários de gente com grana.

Esse ano mesmo eu trabalhei pra Alcione, fiz aniversário da Elba Ramalho. Já saí em revistas de visibilidade. Num último aniversário que fiz dividi a “cena” com Miguel Falabella, Juliana Paes e Drica Moraes. E foi um “*Tête a Tête*” muito bem feito, bem conduzido, e foi muito bom. Além de fazer *performances* em boates, me apresento muito em aniversários e festas. Outra atividade a que também me dedico muito são desfiles de escola de samba, saio na Unidos da Tijuca. Na última festa apresentei uma poesia sobre o enredo do próximo ano da escola.

Entrevistador: Pelo que mostram as fotos, a caracterização da Suzy é muito destruída, caricata; de feminino ela tem o gênero, mas não expressa muito isso na sua *performance*. Quais são as idéias ou conceitos que você acredita que ela expresse? Você tem outro canal ou outra personagem para expressar feminilidade?

Suzy Brasil: Eu acho que a melhor coisa da Suzy é o fato dela poder falar as coisas em tom de brincadeira. É o fato dela poder suscitar o riso das pessoas. E ainda acho que a Suzy ainda tenha muito de feminino, sim.



Fig. 50 e 51: A mesma personagem assume as mais diversas caracterizações, fazendo da própria aparência um intenso laboratório de criação.

Entrevistador: Onde a Suzy nasceu?

Suzy Brasil: Ah... Ela nasceu em Madureira. A Suzy é esculachada, escrachada, mas ela se sente a melhor criatura do mundo, a mais bonita, a mais gostosa. Essa caracterização destruída dela é muito ambivalente. Ela nunca se deixa ficar por baixo. Ela tá observando o momento mais oportuno pra dar um bote.

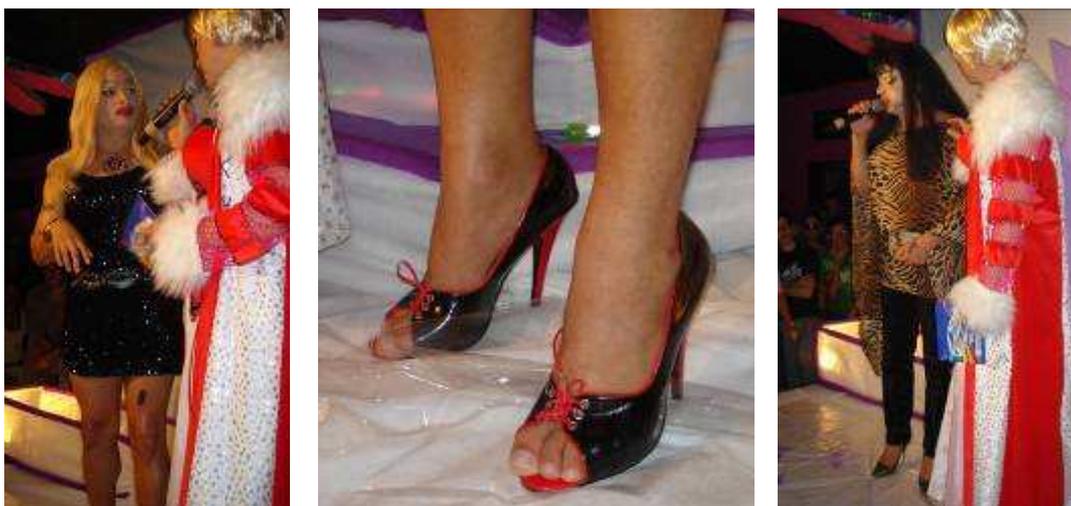


Fig. 52, 53 e 54: O artista como Kelly Key; a destreza do artista em seu salto alto de vinil e sua caracterização como Rossana.

Entrevistador: Tem um quê de heroína?

Suzy Brasil: Olha.. No imaginário das pessoas existe essa narrativa, de gostar de ver o mais fraco dominar a cena e se sobressair. Isso acontece muito nos gays, e sendo um personagem feminino então... É uma figura que no meio de tanta gente melhor que ela, consegue se sobressair.

Entrevistador: A Suzy tem namorado?

Suzy Brasil: Não, é uma mulher muito independente.

Entrevistador: E essas pintas?

Suzy Brasil: Todas as grandes divas têm pintas... Marilyn Monroe tem pintas... A Suzy Brasil é muito pintosa.

Entrevistador: Em 14 anos, a Suzy mudou muito? Você tem algum panorama dessa transformação?

Suzy Brasil: Em 14 anos o Marcelo Souza mudou muito e a Suzy também. Eu tenho o perfil da Suzy perfeito em minha cabeça. Eu sei completamente como a Suzy se comporta.

Entrevistador: Esse processo de caracterização e transformação é muito cheio de significações. Traz em si muitas complexidades inerentes à expressão do indivíduo no espaço público e no privado. A Suzy frequenta qualquer lugar? Já se deparou com algum aluno caracterizado, no trabalho de *performer*? Como foi sua reação?

Suzy Brasil: Vamos por partes. Em razão da Suzy fazer essa linha muito popularesca, ela chama muita atenção. Hoje eu consigo muitas coisas, consigo chegar com a Suzy em muitos lugares. Como artista eu quero chegar no maior

número de lugares possível. Me apresento nos lugares mais improváveis possíveis e nos eventos mais diversos. Quero estar presente e defender meu personagem.

Entrevistador: Já passou por situação de inibição?

Suzy Brasil: Não. O personagem é em si exibicionista.

Entrevistador: E a personagem na sua vida privada? Você já levou a Suzy pra cama?

Suzy Brasil: Não, nunca, não me desperta tesão não.

Entrevistador: Sexualmente, como são suas preferências?

Suzy Brasil: Tem situação onde eu quero ser ativo, em outras quero ser passivo, varia.

Entrevistador: E as suas vaidades como homem?

Suzy Brasil: Olha, gosto muito de um cosmético, de um antienvelhecimento, são algumas frescuras que hétero não usa. Mas como homem, gosto de malhar, ter o corpo malhado, quando preciso tomo remédio pra emagrecer. Adoro minhas tatuagens e adoro comprar roupas. Depilo meus pelos em função do personagem.

Entrevistador: Referências imagéticas para a elaboração da personagem, você as tem em mente? Alguns artistas as têm bem definidas, e você? Quais são as figuras que você idealiza ao confeccionar essa personagem? De onde vêm as suas preferências em termos de cor, de roupa, de maquiagem? Existe algum tipo de acessório a que você dedique atenção especial?

Suzy Brasil: No início da minha carreira eu tinha muito como referência uma grande colega, a Hannah Suzatti, que já faleceu. Quanto ao figurino eu divido com dois colegas de noite. E tem um colega meu, o Jairo, que ele desenvolve um trabalho muito especial de customização de peças, onde elas ganham um visual bem caricato. Gosto muito de coisa fora de moda, extravagante e de mau gosto. Isso ajuda a elaborar a caricatura. O que caracteriza muito o figurino é a caricatura, a elaboração carregada, um luxo exagerado, o brilho e cores chamativas. O que é importante considerar, é que mesmo com toda a sacanagem, o personagem carrega um lado infantil na história. A maquiagem é muito infantil, muito marcada. A boca é muito marcada, a pintura no rosto, parece uma estética de história em quadrinho infantil... É uma estratégia do personagem misturar a infantilidade e a sacanagem. Isso meio que quebra um caráter agressivo do personagem.

Entrevistador: Você já foi vítima de violência?

Suzy Brasil: Não. Eu nunca fui pintosa. Sempre me apresentei como homem para as pessoas. Mas em certas situações eu já fui repreendido por andar em público com pessoas que se expressavam de maneira agressiva, se expondo demais. As pessoas devem respeitar o espaço público, algumas pessoas fazem questão de extrapolar esse espaço, isso é muito complicado.

Entrevistador: Você acha que a forma pela qual as pessoas se expressam no espaço público estimula a violência?

Suzy Brasil: Olha, pra você ter uma ideia, eu não gosto nem de parada *gay*. Apesar de ser *gay*, de trabalhar numa casa *gay*, de ser um transformista, eu não gosto de *Gay Pride* porque é um exagero de exposição, as pessoas se excedem, e a parada em si perdeu o caráter de politização. É uma exposição gratuita, o seu sentido se diluiu faz tempo. Você vê barbaridades, como casais se beijando na frente de criancinhas, na frente de senhoras, isso agride muito. O sentido daquilo é outro.

Entrevistador: Olha, nas minhas entrevistas e observações eu tenho visto que para muitas pessoas, o sentido do ativismo *gay* se perde ao longo do tempo, porque o discurso é muito repetitivo, as intenções sempre são as mesmas, e tal. O que acontece com você não seria meio que isso? Nesses 14 anos, o que era velado se expôs e se exibiu tanto, que se desgastou?

Suzy Brasil: Eu não acho o discurso cansativo, eu acho despolitizado. Eu só vim participar de parada *gay* quando eu já estava inserido no meio *gay* há algum tempo. Eu acho importantíssimo a celebração da homossexualidade, assim como a politização da parada, mas sou contra o excesso de erotismo da parada, o excesso de travestis exibindo os corpos, a prostituição e etc. Essas expressões contribuem para um desgaste da vivência homossexual. Eu já passei por situações de exposição gratuita nessas paradas. Um dia, na Banda de Carmem Miranda, no carnaval, estava caracterizado de Mulher Maravilha, sinto vontade de fazer xixi, e vou urinar no mar. Quando me dou conta, no jornal no dia seguinte estou estampado numa das suas páginas, como a Mulher Maravilha fazendo xixi em pé na banda de Carmem Miranda. Isso me deixou constrangidíssimo. A sorte que meu companheiro estava ao meu lado vestido de Batman, e cobriu minha cabeça, protegendo minha privacidade. Foi horrível.

Entrevistador: Essa questão da privacidade lhe aflige?

Suzy Brasil: Olha, há pouco tempo atrás isso me afligia muito mais, sabia? Eu tinha pânico ao saber que estava sendo filmado por alguma emissora de TV ou coisa do tipo. Acho que isso ainda me aflige, sim. Mas isso cessou quando eu

deixei de depender dos meus pais, quando eu saí da escola. Hoje eu tenho minha formação como professor, eu sou independente, sou um dos pilares da minha família, sou respeitadíssimo na minha família, então, pra mim, essas questões não me afligem mais. É muito difícil uma pessoa que trabalha numa multinacional e precisa prezar pela aparência se expor dessa forma, e uma pessoa que está começando na noite também apresenta as mesmas dificuldades. A escola onde eu trabalho expressa tolerância e respeito, e é assim. Nós vivemos uma realidade onde sair do armário é uma coisa que acontece cada vez mais cedo porque vivemos a cada dia que passa cada vez mais expostos e a descoberta da sexualidade também acontece cada vez mais cedo. Como professor de crianças de 12 e 13 anos eu escuto de alunos coisas que são inacreditáveis. A descoberta da sexualidade hoje é cada vez mais precoce e as pessoas cada vez mais expostas.

Entrevistador: Falando da sua representação pessoal, de si, você se imagina mais como Marcelo ou como Suzy? De quem é o papel de seduzir?

Suzy Brasil: Ah... Marcelo, sou homem...

Entrevistador: Seu olhar manifesta uma observação muito atenta. Até pelo fato de você ser biólogo. Como você se observa? A construção da aparência do seu personagem requer essa observação atenta. Como você se construiu? Quem foi objeto de sua observação?

Suzy Brasil: Olha. Eu não sei se você já se deu conta... Mas o elemento principal, a força motriz do personagem é o preconceito. A bicha pintosa é sempre objeto de observação, é como aquilo que foi tratado anteriormente, é a realidade de quem é oprimido, trabalha num emprego ruim. A Suzy se autodestrói para poder falar sobre o jogo de máscaras da noite, das relações sociais.

Entrevista: Thammy La Close:

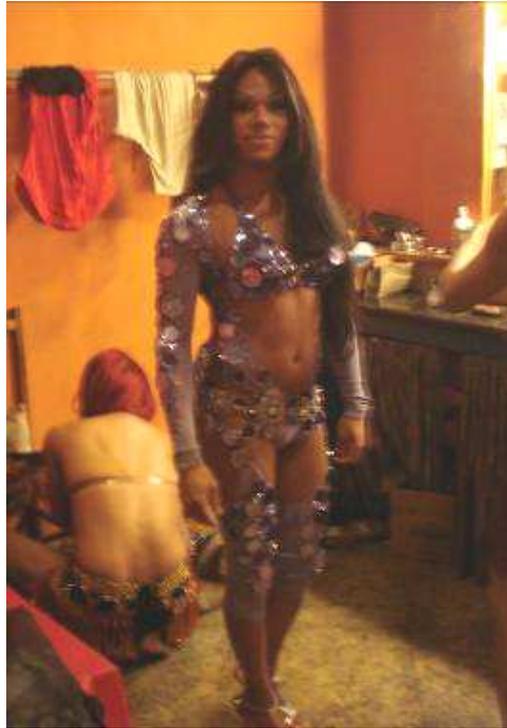


Fig. 55 e 56: O performer M.S.M. caracterizado como Thammy La Close.

Entrevistador: Idade

Thammy La Close: 36

Entrevistador: Quanto tempo de transformista?

Thammy La Close: 10 anos agora em novembro, acabei de fazer.

Entrevistador: Todo esse período com Thammy La Close, ou já teve outras personagens?

Thammy La Close: Só como Thammy.

Entrevistador: Por que só começou aos 26 anos? Por que começou tarde?

Thammy La Close: Bem, não acho tarde, mas tive a oportunidade aos 26 anos

Entrevistador: Antes o que você fazia?

Thammy La Close: Trabalhava em uma joalheria, fazia cursos para ser artesão em jóias.

Entrevistador: Ourives

Thammy La Close: Isso mesmo



Fig. 57 e 58: Márcio em estado bruto, e no início do processo de caracterização. Cola *Pritt* nas sobrancelhas para selá-las, preparando a posterior aplicação de pó.

Entrevistador: Foi brusca a mudança?

Thammy La Close: Foi mesmo. Muitos falaram: “Que loucura você parar para entrar neste meio artístico”, mas era o que eu gostava.

Entrevistador: Alguma coisa te inibia?

Thammy La Close: Sim, tudo.



Fig. 59 e 60: Aplicação de pó compacto nas sobrancelhas e em todo o rosto a fim de uniformizar a pele para a elaboração do jogo de luz e sombra em sua superfície.



Fig. 61 e 62: Aplicação de sombreamento claro nas pálpebras ilumina o olhar da personagem em caracterização. As pestanas ganham reforço com aplicação de lápis.

Entrevistador: Antes de se dedicar ao transformismo do que realmente você gostava?

Thammy La Close: Eu era e ainda sou um pouco tímido, foi bom para liberar um pouco do meu eu.

Entrevistador: Mas você é um líder no palco...

Thammy La Close: Isso eu não sabia.



Fig. 63 e 64: O olhar agora delineado recebe também reforço nos contornos das pálpebras. Tal recurso faz o olhar do artista assemelhar-se ao olhar de um leopardo.



Fig. 65 e 66: Traços esfumados com o dedo, e o desenho de uma nova sobrancelha, dessa vez mais aberta e obtusa, fazendo as feições do artista cada vez mais felinas.

Entrevistador: Bem. Me fala da relação entre o trabalho de ourives e o trabalho de transformar-se, como isso funciona, quais são as coisas em comum.



Fig. 67 e 68: A aplicação de cílios postiços



Fig. 69 e 70: Os supercílios ganham tonalidades fúcsia, azul e lilás, formando um *dégradé*.

Thammy La Close: Bem, eu já vinha tendo algumas dificuldades na parte em que trabalhava na administrativa de produção, lá era onde eu tinha contato com tudo e todos do meio super fechado do ramo, então por alguns problemas tipo, bom o que eu queria mesmo era meter a mão na massa e eu estava trancado no escritório fazendo contas e pagando o pessoal que trabalhava aonde eu queria entende, não podia expressar o meu lado artístico, era tudo ou nada, por isso não fiquei e logo veio o convite para fazer *shows*.



Fig. 71 e 72: Os pigmentos da maquiagem e a finalização.



Fig. 73, 74 e 75: Os lábios recebem contorno em cor mais escura do que o batom utilizado, para realçá-los. Em seguida, a prova de perucas.

Entrevistador: Quais são as casas em que você se apresenta?

Thammy La Close: No Rio de Janeiro todas, no Brasil, algumas e fora só na África e no Equador, por enquanto. E pretendo ir mais longe.



Fig. 76; 77 e 78: Vestindo a indumentária do show.

Entrevistador: Ok.. Não tem mais nenhuma personagem além da Thammy?

Thammy La Close: Não, só aquelas que represento no palco, mas só para dar vida a elas, e já fui Cleópatra, Feiticeira, Diaba, mas todas levam o nome de Thammy La Close.

Entrevistador: Mas como Diaba você se denomina Thammy La Close?

Thammy La Close: Sim. Visto vários personagens e sim fazemos, de um só, vários derivados, entende?

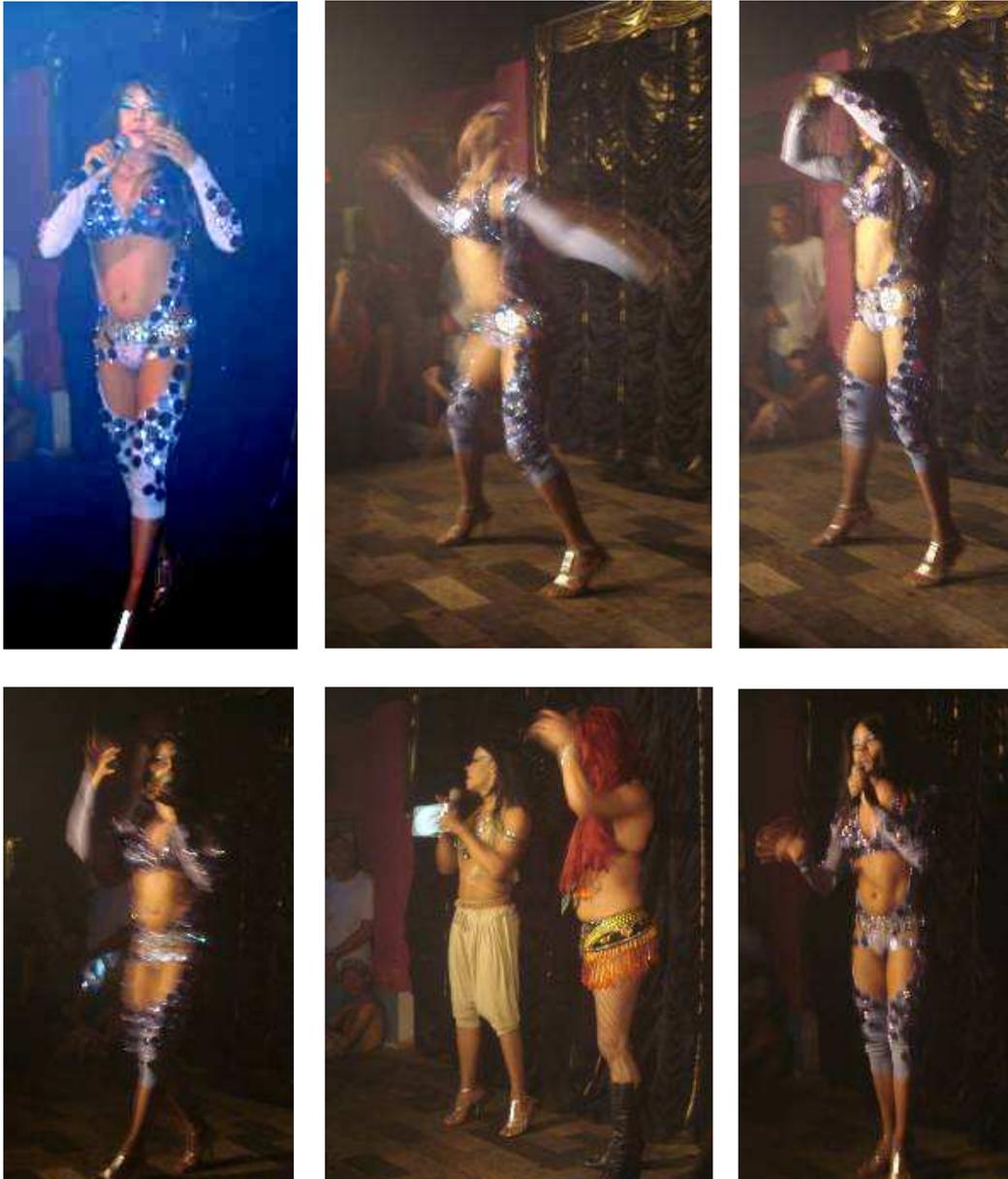


Fig. 79; 80; 81, 82, 83 e 84: Thammy em cena.

Entrevistador: Já confundiu a Thammy com o seu criador?

Thammy La Close: Todo dia sei muito bem a diferença da Thammy para ele.

Entrevistador: Você já pensou sobre a Thammy? Quem ela é? Como é a personalidade dela? Já refletiu sobre isso? Me fala dela, das características dela, de quem ela é.

Thammy La Close: Ela é uma mulher rica.

Entrevistador: Fala mais...

Thammy La Close: Digo rica pela produção de qualidade e cara, muito cara. Perucas, roupas, sapatos, tudo muito caro. Já o *performer* é simples, sem luxo, cuca fresca e não gosta de muita fofoca.

Entrevistador: A Thammy já foi vítima de fofoca?

Thammy La Close: É sempre alvo, como tudo que provoca certa inveja.

Entrevistador: Começou a se caracterizar quando? Como foi a história?

Thammy La Close: Há 18 anos atrás.

Entrevistador: Você ensaiou antes de estreiar? Me fala do processo, foi em casa de amigos, em festas íntimas?

Thammy La Close: Nas Bandas de Ipanema antigas e boas, nada que se compare com agora.

Entrevistador: Você era que personagem?

Thammy La Close: Sempre fui um transformista sem identidade artística, mas era para me divertir. é só no carnaval. Um cara que se monta só para pular o carnaval. Nas fantasias que vesti já fui Gatinha.

Thammy Diabinha, Coelhinha. Todas essas eram fantasias anuais de carnaval.

Entrevistador: Você consegue se aproximar ao máximo do feminino, você vira uma mulher ? O que é feminilidade para você?

Thammy La Close: Muita gente diz isso, mas é pura encenação de uma mulher de verdade, delicada e suave.

Entrevistador: Mas você consegue ser assim... ou você acha que não consegue ser mulher?

Thammy La Close: Consigo imitar, mas não me igualar.

Entrevistador: Você se sente mulher?

Thammy La Close: Nunca.

Entrevistador: Mas você sabe que você se torna mulher para as pessoas?

Thammy La Close: Mulher? Se eu sei que me torno uma mulher para as outras pessoas?

Entrevistador: Você sabe que desperta isso nas pessoas?

Thammy La Close: Sei que elas não são loucas e sabem que sou homem. Agora a artista que você deve estar se referindo, sim, engano muito bem, mas não convenço, entende? Até criança sabe que não sou mulher de verdade.

Entrevistador: Ok. Olha quem te vê no palco vê que você é motivada por um espírito feminino muito forte. O que é feminilidade para você?

Thammy La Close: É mesmo?

Entrevistador: Sim. É a coisa mais significativa numa boate cheia de homens fortes e sarados.

Thammy La Close: Sério?

Entrevistador: Me fala, o que é tornar-se feminino pra você?

Thammy La Close: Eu acho que se tenho algo significativo é o meu talento para fazer essa transformação e fazer a Thammy, o meu único e melhor personagem. Agora se tiver que fazer um homem velho e barrigudo eu terei que estudar muito para isso.

Entrevistador: A fronteira entre Thammy e seu *performer* é a fronteira entre público e privado?

Thammy La Close: Isso.

Entrevistador: A Thammy já figurou no espaço íntimo? Da sua vida particular?

Thammy La Close: Se já interferiu?

Entrevistador: Sim....

Thammy La Close: Na vida do artista, é isso?

Entrevistador: Gostaria de saber se a Thammy já foi pra outro lugar além do palco...

Thammy La Close: O *performer* vive para dar vida à Thammy e trabalha para isso, para manter o nível, para dar continuidade ao trabalho.

Entrevistador: A Thammy tem um caráter exibicionista?

Thammy La Close: Ah sim, muito é o trabalho dela, né?

Entrevistador: Ok. E o *performer* é exibicionista?

Thammy La Close: Não.

Entrevistador: Ok. A principal dificuldade em produzir um personagem é o custo da produção?

Thammy La Close: Sim.

Entrevistador: Os colegas da noite são solidários? Existem problemas com relação a isso? Existe troca de figurino e maquiagem, essas coisas?

Thammy La Close: Não, neste caso elas não emprestam, não se ajudam.

Entrevistador: Onde aprendeu a se maquiar?

Thammy La Close: No Senac.

Entrevistador: Você tem outra profissão paralela?

Thammy La Close: Além de ser designer de jóias e maquiador, sou vitrinista, bom para o ramo da joalheria, eu me profissionalizei em quase tudo, modelagem em cera para fundição, etc.. e muita coisa que sei fazer sem curso.

Thammy La Close: Inclusive a de fazer todos os figurinos de quase todos os artistas cariocas e alguns de Sampa.

Entrevistador: Assumi publicamente a homossexualidade quando?

Thammy La Close: Nunca assumi publicamente, minha vida particular sempre foi só minha. Eu nunca levantei bandeira e nenhuma atitude pública.

Entrevistador: Para os íntimos, família, nunca exteriorizou?

Thammy La Close: Nunca, sempre fui na minha e minha família teve que perceber por elas mesmas. Bom, mas isso já é coisa da minha pessoa, não é, e não dá, então voltamos para a Thammy.

Entrevistador: Onde você foi criado? Família de quantas pessoas?

Thammy La Close: Belford Roxo, ihhhh, muito grande, mãe, irmãs, avós, tios e primos.

Entrevistador: Irmã? Só irmãs? Mais velhas?

Thammy La Close: Não, mais novas.

Entrevistador: Foram muito presentes na tua vida?

Thammy La Close: Sim.

Lista de figuras

Fig. 1: O Performer S.S. caracterizado como Kayka Sabatella;	98
Fig. 2, 3 e 4: As diversas caracterizações de Kayka Sabatella;	100
Fig. 5: Kayka Sabatella e Viviane Araújo;	102
Fig. 6, 7 e 8: Kayka e seus <i>Gogo-Boys</i> ;	103
Fig. 9: O performer caracterizado como Meime dos Brilhos;	107
Fig. 10 e 11: L.T.B.C. prestando serviço militar obrigatório e preparando-se para a apresentação;	108
Fig. 12 e 13: Meime sem caracterização e ao lado de sua colega de trabalho, Alcione;	109
Fig. 14, 15 e 16: As diversas faces da Meime.	110
Fig. 17 e 18: Meime em estado de produção;	111
Fig. 19, 20 e 21: Os recursos utilizados pelo artista para a sua produção;	112
Fig. 22 e 23: O corpo masculino do artista e o seu camarim;	113
Fig. 24 e 25: As “afilhadas” da Meime dos Brilhos	114
Fig. 26, 27 e 28: As referências de caracterização do artista;	114
Fig. 29: Os bastidores e sua cadeira cativa;	115
Fig. 30 e 31: O performer sem caracterização e como Suzy Brasil;	120
Fig. 32 e 33: As tatuagens do artista;	121
Fig. 34 e 35: O processo de caracterização do rosto do artista;	122
Fig. 36 e 37: O transformismo <i>versus</i> caricatura;	123
Fig. 38 e 39: Esmalte e sabão como primeiros recursos para caracterização;	125
Fig. 40 e 41: A elaboração dos elementos cênicos de maior visibilidade;	126

Fig. 42 e 43: Aplicação de sombreamentos, contornos e suas referências;	127
Fig. 44 e 45: Elaboração da bochecha como elemento cênico;	127
Fig. 46 e 47: A preparação da boca e o olhar jocoso do artista;	128
Fig. 48 e 49: Suzy Brasil e seus companheiros de cena gay carioca;	129
Fig. 50 e 51: As diversas caracterizações da Suzy Brasil;	130
Fig. 52, 53 e 54: O artista como <i>Kelly Key</i> , em seu salto alto e como Rossana;	131
Fig. 55 e 56: O performer M.S.M. caracterizado como <i>Thammy La Close</i> ;	135
Fig. 57 e 58: O processo de caracterização do personagem;	136
Fig. 59 e 60: Caracterização do rosto do artista;	136
Fig. 61 e 62: A elaboração do olhar do personagem;	137
Fig. 63 e 64: Os contornos do olhar do artista;	137
Fig. 65 e 66: O trabalho das pálpebras fazendo alusão a traços felinos;	138
Fig. 67 e 68: A aplicação de cílios postiços;	138
Fig. 69 e 70: As tonalidades dos supercílios do artista;	139
Fig. 71 e 72: Os pigmentos da caracterização e a finalização do trabalho;	139
Fig. 73, 74 e 75: A elaboração dos lábios e a prova de perucas;	140
Fig. 76, 77 e 78: Vestindo a indumentária do <i>show</i> ;	140
Fig. 79, 80, 81, 82, 83 84: <i>Thammy</i> em cena.	141

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Rio de Janeiro, 27 de julho de 2009.

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

O Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio, solicita ao Sr. Sérgio Santana (Kayka Sabatella), sua autorização para o uso de imagem e discurso na dissertação de mestrado do aluno Michael Medeiros de Moraes, conforme entrevista fornecida ao aluno - pesquisa de campo.

Sérgio Santana

Sérgio Santana

Autorizado por

Data da autorização: 29/07/09

Departamento de Artes & Design
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22543-900
Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1596 FAX (021)3527-1589

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Rio de Janeiro, 27 de julho de 2009.

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

O Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio, solicita ao Sr. Luiz Tadeu Barbosa Cardoso (Meime dos Brilhos), sua autorização para o uso de imagem e discurso na dissertação de mestrado do aluno Michael Medeiros de Moraes, conforme entrevista fornecida ao aluno - pesquisa de campo.

Luiz Tadeu Barbosa Cardoso

Autorizado por

carl. Lorentz *2 823 501.8*
IFP

Data da autorização: *30, 07, 2009*

Departamento de Artes & Design
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22543-900
Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1596 FAX (021)3527-1589

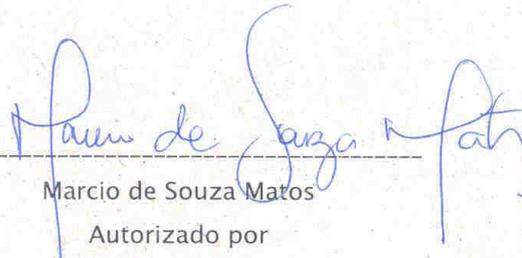
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Rio de Janeiro, 27 de julho de 2009.

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

O Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio, solicita ao Sr. Marcio de Souza Matos (Thammy La Close), sua autorização para o uso de imagem e discurso na dissertação de mestrado do aluno Michael Medeiros de Moraes, conforme entrevista fornecida ao aluno - pesquisa de campo.



Marcio de Souza Matos
Autorizado por

Data da autorização: 31 / 07 / 2009

Departamento de Artes & Design
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22543-900
Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1596 FAX (021)3527-1589

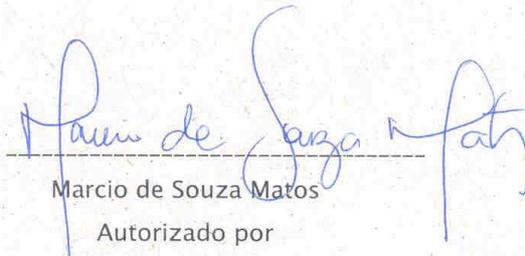
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Rio de Janeiro, 27 de julho de 2009.

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

O Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio, solicita ao Sr. Marcio de Souza Matos (Thammy La Close), sua autorização para o uso de imagem e discurso na dissertação de mestrado do aluno Michael Medeiros de Moraes, conforme entrevista fornecida ao aluno - pesquisa de campo.



Marcio de Souza Matos
Autorizado por

Data da autorização: 31 / 07 / 2009

Departamento de Artes & Design
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22543-900
Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1596 FAX (021)3527-1589